

# O Núcleo de Documentação Histórica da UFPel: um espaço de ensino

SILVA, Eduarda Borges da <sup>1</sup>

JAQUES, Biane Peverada<sup>2</sup>

ROCHA, Lóren Nunes da <sup>3</sup>

SOARES, Tamires Xavier<sup>4</sup>

GILL, Lorena Almeida <sup>5</sup>

## Resumo

Neste artigo se propõe a analisar o trabalho desenvolvido no Núcleo de Documentação Histórica (NDH) - UFPel, focando a sua contribuição para o ensino de História a partir de suas produções científicas. O texto foi construído com a ideia de que ensino, pesquisa e extensão se complementam e nestes três pilares atua o NDH desde o ano de 1990. Seus projetos geram fontes que, após a organização, vão sendo gradualmente disponibilizadas para pesquisas da comunidade em geral; exemplo disso são os inúmeros trabalhos utilizando o acervo da Justiça do Trabalho, o qual também serve de prova do exercício de funções para alguns trabalhadores que procuram os processos trabalhistas. Partindo dessa perspectiva, o NDH é um espaço de ensino, colaborando, portanto, para o aprendizado dos alunos da Licenciatura e do Bacharelado e para a produção de uma História, não só regional como nacional. Constitui-se, também, como um lugar de memória, que agrega acervos sobre a Universidade, movimentos sociais, Justiça do Trabalho de Pelotas (1940 – 1995) e Delegacia Regional do Trabalho- RS (1933 – 1968).

**Palavras-chave:** Ensino. Memória. História.

## Abstract

This article aims to analyze the work of the "Núcleo de Documentação Histórica" (NDH) - UFPel, focusing on their contribution to the teaching of History from their scientific productions. The text was constructed with the idea that teaching, research and extension and complement these three pillars the NDH acts since 1990. Its projects generate sources that after the organization, are gradually being made available to the research community in general, example, are the numerous studies using the achievements of the Labor Court, which also serves as proof of office workers looking for some labor processes. From this perspective, the NDH is a teaching space, thus collaborating for student learning and Bachelor's Degree and for the production of a story, not only regionally and nationally. Constitutes itself as a place of memory, which aggregates collections of the University, social movements, the "Justiça do Trabalho de Pelotas (1940 - 1995)" and the "Delegacia Regional do Trabalho - RS (1933 - 1968)".

**Key words:** History, Memory, Teaching.

## Introdução

O Núcleo de Documentação Histórica (NDH) foi fundado em março de 1990 e desde então vem realizando atividades de pesquisa, extensão e ensino. Preocupados em salvaguardar a memória da região sul, do Rio Grande do Sul, vem reunindo, por vezes construindo, preservando e desenvolvendo atividades com fontes históricas. Professores e alunos desenvolvem atividades de pesquisa nos acervos; por meio das documentações, elaboram trabalhos e utilizam as fontes, muitas vezes, para responder suas indagações.

O NDH desenvolve atividades de pesquisa nos acervos, por meio de professores e alunos que trabalham com estas documentações, elaboram suas pesquisas através destas fontes ou as utilizam para responder suas indagações.

Este Núcleo desenvolve atividades de extensão ao publicizar suas pesquisas na comunidade, como foi feito com a exposição do Projeto Clubes Carnavalescos Negros de Pelotas em escolas da cidade; ao manter um relacionamento com os entrevistados, durante as atividades de História Oral, quando é devolvida a narrativa produzida; ou ao receber trabalhadores que buscam comprovar sua atuação profissional, por meio dos processos trabalhistas do acervo da Justiça do Trabalho de Pelotas, entre outros casos.

As atividades de ensino com os acervos do NDH se dão diretamente com os alunos de Bacharelado e Licenciatura em História, no aprendizado de como se elabora pesquisas ou através da constituição de espaços para a prática de disciplinas bem como Organização de Acervos, História Oral, Educação Patrimonial, Metodologia de Pesquisa, entre outras, e com a disponibilização do acervo bibliográfico que contém muitos livros e revistas acadêmicas essenciais para a formação dos alunos, os quais a biblioteca da Universidade não possui.

No ensino fundamental e médio essa relação com o NDH se torna mais duradoura, já que são comuns atividades como palestras, exposições, seminários, gincanas, nas quais o NDH está sempre inserido.

## Refletindo sobre o espaço de ensino

Quando se pensa no NDH, este espaço está sempre associado à pesquisa e aos acervos que o constituem. Essa relação está correta, mas o NDH não se resume apenas em um lugar, sendo também um espaço de ensino. Nas palavras de Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2011, p. 30-31).

Portanto, pesquisar e ensinar são duas práticas que necessitam andar juntas, pois não há ensino de História sem pesquisa e a pesquisa que não busca uma interlocução com a comunidade perde o seu significado. Assim, além de possuir um acervo qualificado, acaba se tornando uma espécie de sala de aula, a qual permite o fazer histórico cotidiano.

É preciso fazer com que o ensino de História não caia na perspectiva conteudista, permitindo ao educando utilizar fontes.

[...] ensinar história na escola significa permitir aos estudantes abordar a historicidade das suas determinações sócio-culturais, fundamento de uma compreensão de si mesmos como agentes históricos e das suas identidades como construções do tempo histórico. O presente, que é o espaço/tempo dos estudantes, de onde eles olham para si mesmos e para o passado, torna-se histórico, na medida em que, passo a passo, o professor de História consegue historicizar as instituições, as políticas, os modelos culturais, os modos de ser e, sobretudo, as identidades. Trata-se de levar as novas gerações a conhecerem suas próprias determinações, a construir relações de pertencimento a um grupo, a uma história coletiva e a lutas coletivas. Na escola, o ensino de história coloca os estudantes diante das representações que as gerações passadas produziram sobre si mesmas (nossas fontes) e, ao mesmo tempo, estimula-os a elaborar a crítica das representações que hoje produzimos sobre nosso próprio passado. Então, ao ensinarmos história na escola, pomos-nos a ensinar a ler o passado através das representações que sobre o passado estão sendo ou foram produzidas, mas também, quem sabe, através dos vestígios deixados pelas gerações anteriores. (PEREIRA & SEFFNER, 2008, p. 119)

O uso das fontes podem tornar as aulas de história mais dinâmicas, possibilitando abordagens diferenciadas e interdisciplinares. Nessa perspectiva “[...] as fronteiras tornaram-se menos rígidas e privilegiamos as práticas interdisciplinares, estabelecendo diálogos com outras áreas do conhecimento, e tomando delas o empréstimo de procedimentos, conceitos e experiências” (PAIVA, 2006, p.11).

Para conteúdos como, por exemplo, a Revolução Industrial, é possível trabalhar com os resumos dos processos da Justiça do trabalho, guardados junto ao NDH e que permitem perceber as principais empresas de Pelotas que funcionaram concomitantemente, em um determinado período histórico, assim como as demandas que os trabalhadores apresentavam naquele momento.

Segundo Pereira e Seffner, o objetivo ao se ensinar história aos mais novos, se utilizando de fontes,

[...] não consiste em ensinar a ler documentos, separá-los por séries, descrever suas regularidades, não se trata de tornar ou querer tornar o estudante um micro-historiador, como se ele tivesse condições intelectuais de fazer o mesmo que os historiadores fazem. Ensinamos os estudantes a ler o relato histórico e ensinamos a ler as representações sobre o passado que circulam na sua sociedade. Ensinar utilizando fontes não quer dizer ensinar a produzir representações através das fontes, mas ensinar como os historiadores produzem conhecimento sobre o passado a partir das fontes disponíveis e quais os problemas implicados nessa produção. Pretendemos, desse modo, ensinar aos estudantes a especificidade da narrativa histórica em relação a outras

narrativas do passado, como o cinema, a televisão, a literatura, a música, a matéria jornalística, dentre outras. Ou seja, queremos que o estudante se torne alguém capaz de reconhecer na História o estatuto de uma ciência, com seus limites e suas possibilidades (PEREIRA e SEFFNER, 2008, p. 126-127).

Entretanto o uso de fontes em sala de aula tem que ser muito bem pensado, pois o professor não deve reforçar a ideia do documento sendo uma verdade, mas sim, como uma possibilidade de leitura da realidade.

O problema não é o fato de o professor levar o referido documento para a sala de aula, mas utilizar a fonte para confirmar o que mencionou sobre o final da Guerra, procedimento que define o caráter de prova do documento e o caráter submisso do relato à fonte. Ao invés disso, o professor poderia problematizar o Tratado de Versalhes, quanto ao papel que desempenhou na época em que foi criado como um monumento (PEREIRA e SEFFNER, 2008, p.122).

Outra possibilidade do acervo do NDH é a análise das características de ofícios, através dos processos da justiça do trabalho. Como exemplo, cita-se o caso correspondente ao ano de 1943, em que um professor entrou na justiça contra a escola Tiradentes, uma instituição particular localizada em uma colônia alemã na cidade de Pelotas. O professor ensinava português, sendo demitido após quase 10 anos de trabalho porque a escola iria fechar. O processo, além de fornecer importantes informações sobre o contexto escolar da época, permite observar algumas das políticas do governo com relação a esta profissão.

No NDH existem muitas oportunidades de abordagens, tanto para aulas de história quanto para pesquisas acadêmicas. Conforme Rocha (2012, p. 13):

“Dada a riqueza do material do acervo, ainda que a proposta desse trabalho seja o uso do mesmo na pesquisa histórica, seu universo de temáticas alcança várias outras áreas do conhecimento que podem e devem fazer uso desse material como o direito, ciências sociais, antropologia, economia”.

Através dos citados processos já foram feitas abordagens sobre profissões como os alfaiates, os sapateiros, as parteiras, as benzedadeiras, além da observação do cotidiano de empresas como o Frigorífico Anglo.

Portanto, o Núcleo de Documentação Histórica além de agregar fontes para inúmeros trabalhos, salvaguarda a memória do trabalhador gaúcho e se constitui como um lugar de ensino, no qual estagiários e professores podem utilizar o acervo para abordagens dinâmicas e interdisciplinares em sala de aula.

## Acervo da Justiça do Trabalho de Pelotas

Em 2005, a Justiça do Trabalho da Comarca de Pelotas, através do Memorial da Justiça do Trabalho da 4ª região do Rio Grande do Sul, cedeu ao Núcleo de Documentação Histórica (NDH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) a guarda do acervo que contém mais de cem mil processos trabalhistas. Essa documentação abarca as décadas de 1940-1995.

Além da preservação do acervo, o NDH, como um espaço de ensino, pesquisa e extensão, realiza alguns projetos de pesquisa com este acervo, e disponibiliza o mesmo à comunidade em geral. Muitas são as pessoas que procuram o NDH para terem acesso a processos findos há mais de cinco anos, que pela lei nº 7.627, teriam sido descartados, perdendo, assim, a possibilidade de utilizar estes processos como provas para outras demandas.

Atualmente no NDH há dois projetos que trabalham com estas fontes. O primeiro é de extensão, sendo intitulado Arquivo histórico da Justiça do Trabalho. Este projeto elabora uma espécie de catálogo do acervo e visa facilitar a busca por processos do ponto de vista historiográfico. Este catálogo foi pensado em duas vertentes, uma qualitativa e uma quantitativa. Portanto, é elaborado um resumo de cada um dos processos, começando pelos mais antigos, e também são extraídos dados principais de cada demanda como: nome, ano, sexo do requerente, idade, estado civil, profissão, motivo da reclamação, conclusão, período de duração, enfim, estes dados são compilados em tabelas que permitem traçar um “perfil do acervo”.

O segundo projeto que tem trabalhado com estas fontes chama-se “À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer” e investiga profissões que tendem a se tornar obsoletas, através de transformações no mundo do trabalho, as quais vem se dando gradualmente nas últimas décadas, através, sobretudo, das inovações tecnológicas, mas também por alterações culturais e legislativas. Por meio da leitura das demandas, o projeto analisa a recepção das leis trabalhistas, as principais reivindicações, as relações de trabalho, assim como o cotidiano dos trabalhadores.

Os resultados dos projetos, sempre que possível, são divulgados e as produções acadêmicas vão compondo a historiografia sobre o trabalho e os trabalhadores em Pelotas; logo, esses resultados são transmitidos cumprindo a característica de ensino que o NDH tem.

### Acervo do Laboratório de História Oral

O Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) pertence ao Núcleo de Documentação Histórica (NDH) da mesma Universidade. Foi criado em março de 2010, tendo surgido com o objetivo de ser um local próprio para organizar o acervo de entrevistas de História Oral, que até então estavam armazenadas no NDH.

As entrevistas começaram a ser realizadas pela mesma equipe fundadora do NDH, motivo pelo qual o Núcleo armazenou o material por cerca de 20 anos, contando, entre este, algumas fitas cassete e entrevistas manuscritas que datam de 1992, antes mesmo da criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994.

O acervo de História Oral que estava no NDH foi transportado para o Laboratório, todavia, o elo entre eles não se desfez, ambos compartilham a ideia de que o conhecimento histórico é um bem a ser socializado, o que justifica as suas vontades em produzir, armazenar, organizar, divulgar seus acervos. E, na medida em que a documentação é organizada e que se consegue fazer um controle de busca para determinado conjunto documental ele é disponibilizado para visitação e pesquisa.

O acervo conta com o material dos seguintes projetos: "Colonos da Palma: a individualização do coletivo"; "Clubes Carnavalescos Negros de Pelotas"; "Os judeus em Pelotas, RS: da perseguição ao estabelecimento"; "Histórias de uma doenç a e seus enfermos: tuberculose e tuberculosos em Pelotas RS (1930-1960)"; "Memórias da cidade: Pelotas através da voz de seus moradores; "  beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer" (projeto atual) e "Reconstru o da Memória Histórica da UFPel".

Todos os projetos, embora sejam em sua essência pesquisas, podem, dependendo da didática e do método empregado, serem utilizados para o ensino, tendo em vista que se constituem em fontes históricas (PINSKY, 2006). O projeto "Reconstru o da Memória Histórica da UFPel", entretanto, é o que nos remete mais diretamente   temática da educação.

Por meio destas entrevistas se buscou reconstruir a História da UFPel, com o intuito de que sua memória não se perdesse, ouvindo seus fundadores, em suas várias unidades. Também se concedeu atenção a fatos que a marcaram a trajetória da instituição, como o regime da ditadura militar e as eleições para reitor. No Laboratório constam doze das entrevistas realizadas neste projeto, que é de suma importância para os estudantes, professores, servidores da UFPel e para a comunidade ao seu entorno, todas acessíveis à pesquisa.

As próprias atividades do Laboratório de História Oral podem ser pensadas no âmbito do ensino como, por exemplo, a organização. Para elabor -la foi necessário estudar as normas brasileiras da arquivística, a fim de adapt -las à especificidade dos seus suportes e conteúdos, ou seja, além de se aprender como preservar acervos áudio-visuais foi preciso também ler estas entrevistas que reúnem memórias diversas, de imigrantes, da História de Pelotas, da História da UFPel, de trabalhadores que veem seus ofícios desaparecendo devido às necessidades atuais do mercado de trabalho, entre outras. Belloto afirma que: "O arranjo é uma operação ao mesmo tempo intelectual e material (2006, p. 139)".

As leituras mostram-se necessárias antes mesmo da entrevista, no momento de elaboração das indagações que comporão o roteiro. No projeto atual "  beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer"

foram selecionadas algumas bibliografias para um estudo mais aprofundado sobre a História Oral, industrialização, legislação trabalhista, ofícios em extinção, as quais produzem leituras e discussões que permeiam todo o processo, desde a elaboração do projeto até a sua publicização em eventos.

O Laboratório, além de desenvolver atividades vinculadas ao ensino e à aprendizagem por meio de suas fontes, serve de espaço para práticas de intervenção de alunos dos cursos de História (Bacharelado e Licenciatura) e organiza oficinas que desenvolvem e discutem a metodologia de História Oral.

Este espaço serve para os alunos realizarem suas pesquisas, conhecerem a metodologia, acessarem livros sobre diversas temáticas dentro do âmbito da História, inclusive Ensino de História, devido ao acervo bibliográfico do NDH, e fazerem as práticas das disciplinas de Organização de Acervos, História Oral, Educação Patrimonial, Metodologia de Pesquisa, etc.

O Laboratório mantém uma divulgação constante de suas atividades demonstrando a importância de seu acervo para a história regional, em eventos. Atualmente inicia-se uma revitalização dos projetos já concluídos, tentando-se produzir novas análises sobre estas entrevistas.

Ademais, muitos são os textos confeccionados pelos estagiários vinculados ao LHO. Parte deles encontra-se disponível na internet através dos portais de eventos acadêmicos e impressos no NDH, como a recente pesquisa de conclusão de curso da graduada em Licenciatura Plena em História pela UFPel, Micaele Scheer, a qual reflete sobre o ofício dos sapateiros enquanto uma profissão em extinção, utilizando a metodologia de História Oral e o projeto "À beira da extinção: memórias de trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer". Esse trabalho pode ser utilizado em uma explanação sobre os ofícios, em praticamente todos os períodos da História, pois os primeiros sapateiros estão presentes na antiguidade.

Refletindo sobre o espaço simbólico do Laboratório, que é muito maior do que o físico - uma sala - devemos pensar na apropriação deste acervo e nas atividades que promove. Como tornar compreensível a importância de salvuardarmos esta documentação contemporânea? Como demonstrar a sua condição de patrimônio, não somente da comunidade acadêmica, mas da comunidade pelotense e da região? Como será feito para que esta se aproprie do acervo do Laboratório como algo seu? Essas são algumas questões que aparecem nas discussões do grupo.

Apesar de tentarmos fazer uma história do tempo presente para todos, entrevistando desde as carreiras mais simples, como também aquelas com maior status, se sabe que ainda existem cisões entre a Universidade e a sociedade e que a apropriação do conhecimento produzido é um processo lento; então se faz o que é possível em termos de organização e acesso às fontes.



Em suma, o Laboratório de História Oral afirma-se como um dos locais de produção do conhecimento histórico dentro da UFPel, pela especificidade do seu acervo, pelo seu “modo de fazer história” – história do tempo presente, através da metodologia de História Oral que busca resgatar memórias individuais e coletivas – e pela persistência no objetivo de organizar documentos para disponibilizá-los ao público, em respeito aos seus narradores, pesquisadores e as futuras gerações que poderão, através da salvaguarda desta documentação, tentar “aprender um pouquinho” (PORTELLI, 1997, p. 13-33) sobre as nossas e as suas histórias. Ao agregar arquivamento, debate e acesso, o Laboratório se torna não somente um arquivo de narrativas em História Oral, mas um local de reflexão desse modo tão peculiar de se construir fontes históricas.

### Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul

O acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul encontra-se sob a salvaguarda do Núcleo de documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas desde o ano de 2001, sendo o trabalho coordenado pelo Prof. Aristeu Elisandro Machado Lopes. Comportado em caixas do tipo arquivo, é composto por aproximadamente 630.000 fichas de qualificação profissional, ou fichas espelho que correspondem aos anos de 1933 a 1968. Paralelamente ao acervo principal existe documentação diversa, que compreende em média 23.000 unidades.

As fichas de qualificação profissional ou fichas espelho eram utilizadas para a confecção da Carteira de Trabalho. Desta forma, constam diversos tipos de informações sobre o requerente, tais quais, cor dos olhos, vínculo empregatício, grau de escolaridade, estado civil, entre outras. A Carteira Profissional buscava regular a jornada de trabalho dos empregados, bem como impedir o trabalho escravo e infantil. A documentação de outra categoria comportada pelo acervo da DRT-RS (Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul) faz referência a atestados médicos e de reservistas, fotos, comprovantes entre outros.

Criado em 2006, pela Professora Beatriz Ana Loner, o projeto denominado “Perfil do Trabalhador Gaúcho: digitação do acervo da Delegacia Regional do Trabalho – RS, anos 1933 – 1942”, tinha como principal objetivo criar um banco de dados próprio e adequado para a digitação das informações constantes nas fichas de qualificação profissional da DRT-RS provenientes dos anos de 1933 a 1942, impedindo o extravio dos dados.

O banco de dados possui um campo específico para cada informação, constante nas fichas de qualificação profissional e, se necessário for, possui, inclusive, um campo apropriado para fazer as devidas observações. Desta forma, todas as informações que constam nas fichas de qualificação profissional são armazenadas. O banco de dados possibilita a pesquisa e cruzamento de informações, uma vez que



o programa possui interfaces digitáveis e também um sistema de busca. O sistema de busca, baseado em pressupostos indicativos, restringe a pesquisa enquanto dois filtros delimitam os parâmetros a serem utilizados. O primeiro filtro adiciona uma cláusula a ser pesquisada enquanto o segundo estabelece os indicadores, aos quais os dados deverão ser arrolados.

Desta forma, no período levado para a digitação da documentação referente aos anos iniciais do acervo (uma vez que as fichas de qualificação profissional da DRT-RS abrangem dois formatos distintos do suporte papel; as primeiras fichas, que são provenientes dos anos de 1933 a 1942 possuem tamanho maior do que as fichas dos anos precedentes do acervo); poder-se-ia analisar o perfil do trabalhador gaúcho que solicitou a Carteira Profissional na primeira década de sua implantação. Paralelamente ao trabalho de digitação e pesquisa do acervo, o projeto visava abranger, inclusive, a higienização da documentação, bem como sua reorganização.

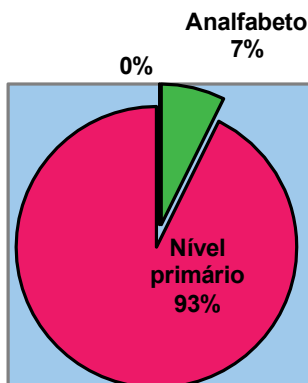
Em 2008 foi criado novamente pela Profa. Beatriz Ana Loner o projeto "Traçando o Perfil do Trabalhador Gaúcho", considerado a continuidade daquele. Enquanto no projeto anterior o principal objetivo foi a criação do banco de dados, neste se torna a digitação das informações contidas nas fichas de qualificação profissional, um meio de salvaguardá-las, bem como estabelecer e analisar o perfil do trabalhador gaúcho em meados do século XX. Em fevereiro de 2012 o projeto passou a ser coordenado pelo Prof. Aristeu Elisandro Machado Lopes.

Atualmente o projeto procura intensificar o processo de pesquisa, bem como a análise de informações contidas no banco de dados e desta forma correlaciona com ensino. Uma vez que os dados da pesquisa se tornam públicos, isto possibilita que as informações contidas na mesma possam ser direcionadas à população, contribuindo para disseminação do projeto, acervo, do banco de dados e, desta forma, as informações atribuídas a eles.

Através da análise das informações contidas nas fichas de qualificação profissional encontradas no banco de dados do acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul é possível caracterizar o trabalhador gaúcho em dados relacionados à identificação (nome, fotografia, naturalidade, impressões digitais), dados antropométricos (cor da pele, (etnia) cor dos olhos, altura, sinais particulares), sociais (filiação, escolaridade, estado civil) e também relativos a vínculo empregatício (sindicato, função).

Dentre estas existe, inclusive, a possibilidade de analisar o grau de instrução dos requerentes da Carteira Profissional. Esta análise é possível a partir de delimitação temporal, de gênero, de ofícios, faixa etária entre outros.

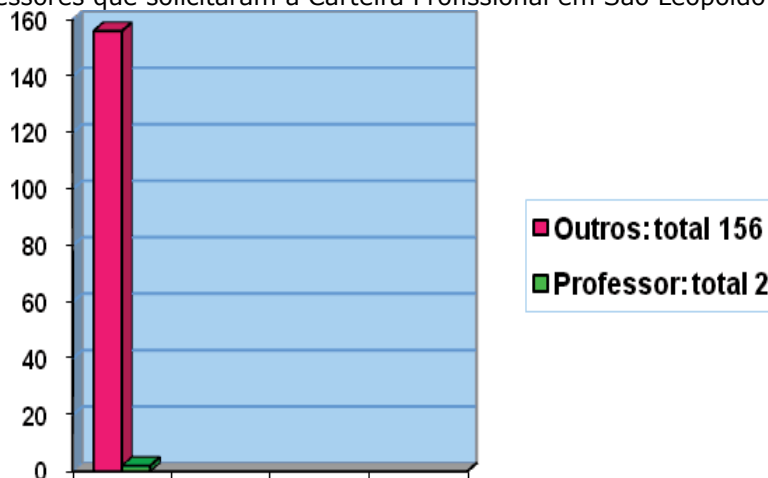
Gráfico 1: Nível de escolaridade das mulheres que solicitaram a Carteira Profissional em São Leopoldo no ano de 1940.



Fonte: Banco de dados da Delegacia Regional do Trabalho – RS / NDH-UPel

No exemplo acima, pode-se visualizar o nível de escolaridade de mulheres que solicitaram a Carteira Profissional na cidade de São Leopoldo no ano de 1940. Percebe-se que a grande maioria das requerentes possuía como grau de instrução o ensino primário, enquanto que não foi possível identificar nenhuma trabalhadora com nível de escolaridade secundário ou superior.

Gráfico 2: Professores que solicitaram a Carteira Profissional em São Leopoldo no ano de 1941.



Fonte: Banco de dados da Delegacia Regional do Trabalho – RS / NDH-UPel

O gráfico acima ilustra o número de professores que solicitaram a Carteira Profissional na cidade de São Leopoldo no ano de 1941. Percebe-se o baixo número de solicitações provenientes desta profissão se comparada com o valor total de solicitações atribuídas aquele ano.

### Considerações Finais

O NDH desempenha um papel de relevância na região de Pelotas, em sua tarefa de construir, reunir, organizar, disponibilizar e preservar fontes da história regional.

Preocupa-se em não somente servir à academia, mas também a sociedade

que está em seu entorno, a qual é a geradora de tais fontes e que, em contraponto, é pouco contemplada com o resultado dos trabalhos realizados.

Diante disso, surge a necessidade do NDH se reafirmar e ser reconhecido como um espaço que não desenvolve apenas pesquisa, mas também extensão e ensino. Um local que busca estender à comunidade da região seus produtos com a intenção de que o conhecimento histórico se socialize.

Em suma, a equipe do NDH se orgulha ao manter a proposta inicial, de 22 anos atrás, de salvaguardar a memória regional contida em fontes, “a história dos de baixo” que muitas vezes é esquecida pela história tradicional, seja pela falta de documentação, de pesquisas ou pela elaboração destas com pretensões excludentes.

São histórias ausentes na historiografia e nos livros didáticos que merecem ser inseridas, contadas e recontadas nas salas de aulas, ouvidas por aqueles que, talvez, em função dessas fontes e do reconhecimento da importância dos trabalhadores na sociedade, contestem as condições de exploração e sujeição que permeiam a história dos trabalhadores.

A intenção da comunicação, portanto, é de fazer com que o NDH se torne ainda mais conhecido e as suas produções mais socializadas dentre a comunidade acadêmica e em geral.

## Anexos:



Foto 1: Acervo da Justiça do Trabalho



Foto 2: Entrevistas do Laboratório de História Oral



Foto 3: Fitas cassete do Laboratório de História Oral



Foto 4: Acervo da Delegacia Regional do Trabalho - RS



## Fontes

Acervo da Delegacia Regional do Trabalho do RS (1933-1968). Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas. Rua Alberto Rosa, nº 154, Sala 143, Centro, Pelotas – RS – Brasil.

Acervo da Justiça do Trabalho de Pelotas (1940-1995). Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas. Rua Alberto Rosa, nº 154, Sala 143, Centro, Pelotas – RS – Brasil.

Acervo do Laboratório de História Oral. Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Pelotas. Rua Alberto Rosa, nº 154, Sala 143, Centro, Pelotas – RS – Brasil.

Site do NDH: Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/> . Acesso: 20 de junho de 2012.

## Referências Bibliográficas

BELOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos permanentes: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PAIVA, Eduardo. História & Imagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PEREIRA, Nilton. SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. Revista do PPGH UFRGS. v. 15, nº 28, 2008. Disponível em: <<<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/7961>>> Acesso em: 20 de junho de 2012.

PINSKY, C. B. (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: Projeto História, nº 15. São Paulo, PUC, 1997. p. 13 - 33.

ROCHA, Lóren. "Memory makes us, we make memory": Acervo da Justiça do Trabalho de Pelotas (1940-1945) – Da guarda do acervo ao uso na pesquisa histórica. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Pelotas, 2012.

## Notas

1 Acadêmica do curso de História Licenciatura - UFPel, Bolsista de iniciação Científica FAPERGS, e-mail: [eduarda.historia.ufpel@gmail.com](mailto:eduarda.historia.ufpel@gmail.com)

2 Acadêmica do curso de História Bacharelado - UFPel, Bolsista de Iniciação Científica CNPq, e-mail: [jaquesbiane@gmail.com](mailto:jaquesbiane@gmail.com)

3 Acadêmica do curso de História Licenciatura - UFPel, Bolsista de Iniciação Científica CNPq, e-mail: [lorenrocha@hotmail.com](mailto:lorenrocha@hotmail.com)

4 Acadêmica do curso de História Licenciatura - UFPel, Bolsista de Extensão, e-mail: [tamixavier@hotmail.com](mailto:tamixavier@hotmail.com)

5 Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> dos Cursos de História, Licenciatura e Bacharelado - UFPel, e-mail: [lorenaalmeidagill@gmail.com](mailto:lorenaalmeidagill@gmail.com)